



Uma noite com Amélia: lesbianidade, prostituição e classe social em *Monsanto*, de Bernardo Santareno

A night with Amelia: lesbianism, prostitution and social class in *Monsanto*, by Bernardo Santareno

Solange Santana¹

Márcio Ricardo Coelho Muniz²

Resumo

Estudo do texto dramático *Monsanto* (1979), do dramaturgo português Bernardo Santareno (1920-1980), com especial atenção para os marcadores identitários que constituem a personagem Amélia, mulher pobre e lésbica, que sustenta a si e a seu pai, Zé Grilo, com a prostituição. Para tanto, este artigo é subsidiado pelos estudos de gênero, de sexualidade, estudos culturais, e pela interseccionalidade, como teoria e ferramenta de análise. Uma noite no parque Monsanto com a personagem pode até parecer pouco tempo, mas saímos de lá com algumas hipóteses para o seguinte questionamento: seria a classe social, e não a lesbianidade, o motivo fulcral para que Amélia vivesse às margens da sociedade portuguesa? Importa salientar que tanto a lesbianidade quanto a prostituição são temas complexos e espinhosos, sobretudo em sociedades organizadas nos moldes patriarcais, uma vez que envolvem relações sociais centradas no controle das sexualidades.

Palavras-chave: Bernardo Santareno. *Monsanto*. Lesbianidade. Prostituição. Classe social.

Abstract

Study of the dramatic text *Monsanto* (1979), by the Portuguese playwright Bernardo Santareno (1920-1980), with special attention to the identity markers that constitute the character Amélia, a poor and lesbian woman, who supports herself and her father, Zé Grilo, with prostitution. To this end, this article is supported by studies of gender, of sexuality, cultural studies, and by intersectionality, as a theory and analysis tool. One night in the Monsanto park with the character may seem like a short time, but we left with some hypotheses for the following question: would the social class, not the lesbianism, be the main reason for Amelia to live on the margins of Portuguese society? It should be noted that both the lesbianism and the prostitution are complex and thorny issues, especially in patriarchal organized societies, since they involve social relations centered on the control of sexualities.

Keywords: Bernardo Santareno. *Monsanto*. Lesbianism. Prostitution. Social class.

1 Mestra e Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professora efetiva do Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus Salvador, Departamento de Línguas Vernáculas. Líder do DEVIR: Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Gênero, Subjetividades e Identidades em literaturas e outras expressões artísticas. E-mail: professorasolange@hotmail.com.

2 Professor Associado de Literatura Portuguesa junto ao Instituto de Letras da UFBA, onde atua na Graduação, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura e no Mestrado Profissional em Letras. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq - Nível 2. Coordena o Grupo de Pesquisa "Texto em cena" no ILUFBA. E-mail: marciomuniz@ufba.br.

Abrindo as cortinas...

O dramaturgo português Bernardo Santareno (1920-1980) lança luz sobre temas complexos que tornaram seus textos teatrais atemporais. Afinal, falar sobre homossexualidade, lesbianidade, transexualidade e prostituição, ainda mais em contextos ditatoriais, possibilita reflexões sobre as consequências, muitas vezes trágicas, destinadas aos sujeitos que ousam romper com normas sociais e desafiar dispositivos regulatórios das relações de gênero e sexualidades. Em *Monsanto* (1979)³ objeto desse estudo, Santareno produz um pequeno recorte de vidas precárias, tendo como cenário o Parque Florestal de Monsanto, localizado na periferia de Lisboa.

Em seu cerne, trata-se de um lugar associado à criminalidade, à droga e à prostituição, que será usado como pano de fundo, não só para discutir questões de gênero e de sexualidades, mas também para reavaliar a política pós-revolucionária portuguesa e denunciar problemas sociais. A metáfora espacial, é fato, impregna todo o texto teatral, cabendo entendê-la como um meio representativo de sujeitos que, mesmo após a Revolução dos Cravos, continuavam a viver às margens da sociedade.

Se considerarmos que essa peça teatral foi escrita para a revista *P'ra trás mijá a burra*, com o título *O senhor Silva*, entender-se-á que a lesbianidade é abordada de forma transversal, porque também interessava a Santareno criar personagens que expressassem a descrença e a decepção com a luta política e a Festa de abril. Não é à toa, portanto, que *Monsanto* inicia com a tentativa de suicídio do Sr. Silva, um guarda-livros cansado de ser humilhado pelas pessoas de seu círculo social, as quais o viam como um “pau-mandado”, um nada. Ressentido, confuso e triste com a vida e a família, Silva será desencorajado a se matar por um sujeito descrito nas rubricas como “meio vagabundo, meio operário de obras, meio chulo velho” (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 191), que, ao contrário dele, não acreditava em política nem em revoluções.

Na verdade, Zé Grilo afirma que “os partidos levam a vida aos coices uns aos outros, mas quando chegam à minha pessoa, e outros como eu, põem-se todos de acordo. E o Zé Grilo vai dentro. Choça com ele! Ná, não quero nada com partidos. Só quero ficar inteiro. Viva a liberdade.” (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 196). Ou seja, a personagem dá a

3 Indica-se aqui o ano da primeira edição desse texto dramático santareniano. Contudo, na análise do *corpus*, utilizamos as *Obras completas* de Bernardo Santareno (1987), que conta com a organização, posfácio e notas introdutórias de Luiz Francisco Rebello.

entender que os movimentos e os partidos políticos ainda não tinham demonstrado sua eficácia, porque o mundo português seguia dividido entre aqueles que detinham o poder e os sujeitos que eram excluídos socialmente. Nesse sentido, Zé Grilo pode ser visto, inicialmente, como o porta-voz da dissidência em *Monsanto*:

ZÉ GRILO - [...] Tenho cinquenta e três anos e a única luta que aprendi a lutar foi pra comer, pra dormir e pra gozar uma gaja uma vez por outra. Quando era miúdo, pedia esmola e mais a minha avó. Depois puseram-me em servente de pedreiro. Corriam comigo, de todo o lado. Tinha mau gênio. Depois descobri as putas. Engraçaram comigo: eu era boneco. Fui chulo. Vivi de ser chulo. Depois envelheci, perdi a pinta. E as tipas correram comigo. É assim mesmo. Quem joga este jogo tem de se sujeitar às regras. [...] (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 198-199)

Em virtude de sua trajetória ter sido, desde a infância, permeada pela pobreza, a personagem trilha caminhos pouco respeitáveis socialmente, limitando-se a suprir necessidades básicas. Com isso, Bernardo Santareno faz referências às situações de miséria material extrema em que os sujeitos vivem em luta constante pela sua sobrevivência, sem tempo, portanto, para causas políticas. À margem, Grilo enuncia sua descrença nas instituições sociais, tais como o Estado e a Família, porque, não obstante ter aberto caminhos para a democracia em Portugal, o novo regime político não se concretizou como esperança para as pessoas que viviam na penúria.

Sob outra perspectiva, Grilo também nos dá a oportunidade de pensar a apropriação das mulheres, desvelando a natureza específica de sua opressão pelos homens. Nesse sentido, importa considerar que estudiosas como Colette Guillaumin (2005) e Monique Wittig (2006) cunharam a noção-chave de “apropriação individual e coletiva das mulheres”, para revelar como constituem uma classe social que é definida pelos mecanismos de apropriação de seu corpo e de sua força de trabalho.

Logo, Zé Grilo, como representação dos homens que sobreviviam à custa do trabalho sexual feminino, serve de exemplo para se flagrar como ocorre a apropriação das mulheres por meio da prostituição, uma vez que se apoderava de seus corpos, quando era chulo, reduzindo-as ao estado de objeto sexual. Contudo, ao falar que as putas o destituíram da função de chulo, além de afirmar que “quem joga este jogo tem de se sujeitar às regras”, Grilo ainda sugere que as mulheres em situação de prostituição têm uma certa autonomia dentro do mercado erótico-sexual. As regras, nesse sentido, serviam às duas partes da negociação.

Em outra passagem, Grilo falará um pouco da relação com sua ex-esposa, outra mulher que também o abandonou, deixando para trás sua filha, Amélia, com quem vivia numa barraca no Parque Monsanto. Entretanto, antes de caracterizá-la como sua amiga e uma “boa rapariga”, esclarece que “- [...] não queria a miúda. Foi ela que quis. E depois pisgou-se, deixou-me a filha com doze anos... sem nada... com a roupa que tinha no corpo” (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 194). Em seguida, Zé, sempre com a palavra, continuará enfatizando como as condições sociais precárias os subjugavam, limitando as possibilidades de uma vida mais digna, como se quisesse antecipar as justificativas para suas ações.

Amélia entra em cena

Ao entrar em cena, Amélia é descrita nas rubricas ora como frágil e cansada, ora como infeliz. Após conhecer o Sr. Silva, também não se constrange quando seu pai, retoricamente, questiona: “É bonita não é? Já percebeu? Percebeu ou não? É isso mesmo, homem! Sim senhor, a minha filha é puta. Vive disso. E eu vivo dela” (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 200). Em virtude de Silva não ficar à vontade com seu comentário e com sua insistência para que Amélia retornasse ao trabalho, Zé Grilo não hesita também em explicar a lógica que regia a vida das putas de Monsanto:

ZÉ GRILO (*cínico raivoso*): [...] Ela é puta. Engata aqui, em Monsanto. Quando o cavalheiro precisar... Já sabe, duzentos paus. Ela é puta e eu sou o seu pai e o seu chulo. É feio, não é? Estou-me cagando! Pense. Pense e verá que eu tenho razão. O que é melhor? Que ela trabalhe para uma “patroa” disfarçada que lhe fica logo à partida com metade, ou para mim que sou seu pai? Você não é contra os intermediários? Já vê... Qual é melhor? Que ela trabalhe pra encher o cu a um chuleco qualquer que lhe fica com tudo e a rebenta com porrada, ou para mim que sou seu pai e a trato bem?! E fique sabendo, seu sacrista revolucionário, que as putas têm sempre uma mãe, um pai, uma avó, um filho a quem ajudam às escondidas. Se ninguém souber, já não faz mal, não é? Pois comigo, é às claras! [...] (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 201)

Observem que Grilo faz alusão a atos que materializam a apropriação dos corpos das prostitutas não só pelos homens (chulos e clientes), mas também por outras mulheres que agenciavam os serviços erótico-sexuais. Em virtude de serem vistas apenas como objetos, também se denuncia a violência física, considerada por Guillaumin (2005) como

uma sanção socializada do direito que se arrogam os homens sobre as mulheres. Ainda sobre a passagem acima, importa considerar a referência aos chulos, personagens presentes no mundo da prostituição lisboeta, que vêm se transformando desde o final do século XIX, quando eram considerados dúbios, porque performavam, ao mesmo tempo,

[...] o marido complacente e o 'guarda-costas' para ocasiões críticas. No início do século XX, passa a ganhar uma tosca, mas frutuosa, consciência empresarial [...]. De companheiros para as ocasiões críticas, os chulos passam a intencionados exploradores. Em meados do século XIX chegavam a contribuir com uma quota para elas, das quais nada recebiam senão os conhecidos 'favores'. Acompanhavam-nas de dia nos passeios e à noite nas vadiagens pela cidade. Assumiam-se, fundamentalmente, como protectores. (PAIS, 1983, pp. 940-941)

No que se refere a *Monsanto*, ainda que seus atos não fossem aceitos socialmente e a prostituição se apresentasse sem nenhum glamour e como uma atividade pouco rentável, Zé Grilo acredita que Amélia estava em melhores condições do que outras mulheres, uma vez que: ou trabalhavam com cafetinas, deixando metade do lucro ao fechar o negócio; ou se prostituíam “pra encher o cu a um chuleco qualquer que lhe fica com tudo e a rebenta com porrada”. Com ele, por outro lado, sua filha se livrava de intermediários e de chulos violentos, estava em família e era bem tratada, além de ter proteção tal qual outras putas.

Nessa perspectiva, é preciso considerar não só a sexualidade e o gênero, como fatores identitários, mas também a classe social, uma vez que é um dos marcadores fundamentais para as posições que os sujeitos assumem ou são obrigados a assumir. Ainda que seja complexo e multifacetado, e que não haja consenso entre os teóricos sobre o conceito, Marcelo Ridenti (2001) enfatiza que as diferentes classes sociais são produtos das desigualdades sociais e econômicas que refletem na divisão de poder e prestígio, posicionando os sujeitos na hierarquia social.

No caso da prostituição, sabe-se que a pobreza é uma de suas causas desde a Idade Média. Simone de Beauvoir, por exemplo, ao tratar dos possíveis motivos da prostituição feminina, assevera que

[...] nenhuma fatalidade hereditária, nenhuma tara fisiológica pesa sobre elas. Na verdade, em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem siga; enquanto houver polícia e prostituição, haverá policiais e prostitutas. Tanto mais quanto tais profissões rendem muito mais do que outras. É muita hipocrisia espantar-se com as ofertas que suscita a procura masculina; trata-se de um

processo econômico rudimentar e universal. (BEAUVOIR, 1967, p. 324)

Em virtude disso, não se pode desconsiderar que ser integrante de uma classe social miserável, tendo de lidar com todas as implicações da pobreza, leva muitas mulheres a transgredirem interdições sociais. Logo, se Amélia “engatava” no Parque por “duzentos paus”, pode-se dizer que a prostituição, em *Monsanto*, se configura como uma relação que envolve não só sua cumplicidade com o pai-chulo e o cliente, mas também a condição de que seu corpo fosse objeto de transação comercial que os ajudava a sobreviver (GALINDO; SÁNCHEZ, 2007). Ademais, na passagem supracitada de *Monsanto*, Zé Grilo também possibilitará reflexões sobre as categorias classificatórias que remetem à mulher em situação de prostituição, uma vez que a personagem recorre à palavra “puta”, em vez de “prostituta”, para enunciar sua filha.

Nessa perspectiva, José Miguel Nieto Olivar, a partir de narrativas de quatro mulheres militantes, tenta se aproximar dessa rede complexa de relações de poder, em que

a *puta* é a força propulsora de todo negócio do sexo, eixo de sustento dessas famílias produtivas, mas também a categoria da desestabilização moral. *Putas* é o objeto milenar de desejo dos clientes, a razão do investimento, a sábia e prodigiosa amante, aquela com quem se pode falar tudo, rir, dançar, chorar e gozar; a devassa, aquela que rouba, trai e não trabalha. Só quer o gozo, o sêmen, uma taça de Martini. *Putas* é uma personagem afim na experiência da profissional, porém deve ser tratada com cuidado, para não se aparentar com ela, para não ser predada por ela. As mulheres prostitutas corporificavam [...] uma radical separação entre ‘vida pública’ e ‘vida privada’, a certeza ‘pré-reflexiva’ de que seu corpo não é sexuado quando está em campo. (OLIVAR, 2013, p. 144)

Eis aí uma tentativa espinhosa de diferenciação, para não dizer subjetiva demais. No entanto, não se pode simplesmente esquecer do quanto as palavras e seus usos são atravessados por ideologias e valores morais. A nosso ver, a meretriz, a puta, a prostituta, a garota de programa, as *scort girls*, guardadas todas as proporções, têm um ponto em comum: estabelecem relações comerciais e sexuais com “clientes”, utilizando seus corpos como objetos da transação. A grande diferença encontra-se em suas posições subjetivas, nas relações que cada uma estabelece com a atividade e como percebem a si mesmas no contexto da prostituição.

No caso das simbologias subjacentes à puta e à prostituta, são muitas as ambiguidades. De forma geral, se diz que a primeira se prostitui porque gosta, se

identifica e é identificada como puta; enquanto a segunda é uma profissional do sexo, que separa a “vida privada” da “vida pública”, como apontou Olivar (2013). Por outro lado, Maria Galindo e Sonia Sánchez, autoras de *Ninguna mujer nace para puta* (2007), veem essa diferenciação como ambígua, porque supostamente se parte do princípio de que uma prostituta vende sexo, o que implica prazer, mas o prazer é, ao mesmo tempo, proibido.

Galindo e Sánchez ainda reconhecem que a palavra puta é rechaçada, porque remetem as mulheres ao asco, à humilhação, além de desqualificá-las completamente, intimidá-las e emudecê-las. Ainda assim, defendem o uso desse vocábulo como imprescindível para todas as mulheres (não só para as putas), porque se instala em suas vidas, como parte de suas identidades, antes de entrarem para a prostituição. Assim, se nenhuma mulher nasce puta, então faz-se necessário manejar tal palavra não só para repensar a puta em si, mas também para que ela se desloque do lugar de humilhação donde a sociedade a coloca. Nessa perspectiva, pode-se dizer que Zé Grilo recorre ao vocábulo “puta” como uma estratégia de resistência à discriminação social, rasurando, de certa forma, seu potencial ofensivo.

Por outro lado, apesar de a prostituição ganhar *status* de trabalho e as práticas sexuais serem tratadas como instrumentais e sem implicação emocional, as relações sexuais que Amélia mantinha com homens heterossexuais não aparecem como uma “preferência”, já que é uma situação imposta, devido à degradação, à desigualdade e à miséria que permeavam sua vida. Logo, nesse texto santareniano, a prostituição “é parente da fome” e da falta de trabalho (GALINDO; SÁNCHEZ, 2007, p. 16), o que nos leva a ver que a atuação de Amélia como puta encontra-se no campo da economia, da sobrevivência, e não no campo do desejo.

Ao mesmo tempo, é possível flagrar a exploração privada da personagem, uma vez que sustenta Zé Grilo, um dos “parasitas da prostituição”, com a comercialização de seu corpo (GALINDO; SÁNCHEZ, 2007). Nesse sentido, nota-se que, em *Monsanto*, são explicitadas algumas marcas das relações de poder (tais como o uso da mulher como objeto de transação comercial), as quais, por consequência, nos levam à prostituição e ao proxenetismo como métodos que mostram e mantêm o poder masculino (RICH, 1983), uma vez que ora agencia a mulher no mercado sexual, ora a consome como produto.

Por consequência, faz-se necessário também chamar a atenção para o apagamento sistemático da jovem, como um sujeito que ousa se enunciar, já que na maior parte do

texto, é Grilo quem fala por ela, retirando-lhe o testemunho. Se utilizar a linguagem para falar de si é um ato de poder, seu silêncio surge como mais uma marca da violência e da opressão (RICH, 1983), subjugando-a. Por outro lado, também é cabível questionar se Bernardo Santareno faz referência à forma como lidavam com a lesbianidade no contexto sócio-histórico português, uma vez que traz para seu texto uma identidade lésbica que estava sendo construída às margens da sociedade, em silêncio e na invisibilidade.

Importa enfatizar ainda que, embora mulheres se identifiquem como lésbicas, essa categoria classificatória é utilizada, nesse trabalho, como via de acesso às relações sociais e sexuais estabelecidas pela personagem Amélia, já que as diferentes trajetórias afetivo-sexuais apontam para muitas possibilidades de vivenciar a lesbianidade (FACCHINI, 2009). Nessa perspectiva, Teresa de Lauretis é bem esclarecedora:

[...] algumas mulheres 'sempre' foram lésbicas. Outras, como eu, se 'tornaram' lesbianas. Tanto construção sociocultural como efeito das primeiras experiências da infância, a identidade sexual não é nem inata nem simplesmente adquirida, mas dinamicamente (re)estruturada por formas de fantasias privadas e públicas, conscientes e inconscientes, que estão culturalmente à disposição e são historicamente específicas. (DE LAURETIS, 1995, p. 43)

Sem dúvidas, encontramos-nos diante do múltiplo, cuja identidade delimita-se, muitas vezes, pelas imposições dos valores sociais e culturais. Por isso, ainda que a lesbianidade seja entendida como prática sexual e afetiva entre mulheres, não se defende aqui uma identidade lésbica normativa, fixa e imutável, já que “[...] traçar um perfil da lésbica ou das lésbicas é uma tarefa impossível, pois não há substância à qual se prender, não há um bloco homogêneo e monolítico de coerência, não existe experiência unívoca que possa tomar o lugar de um referencial estável” (NAVARRO-SWAIN, 1999, p. 1236). Ademais, não obstante as práticas sexuais não definirem a orientação sexual dos sujeitos, é preciso considerar que Amélia problematiza qualquer definição estanque, porque se prostitui no Parque Monsanto, tendo apenas homens como clientes.

A esse respeito, importa lembrar que se, durante o Estado Novo, o sujeito homossexual era considerado um vadio e um criminoso, porque subvertia valores da masculinidade, rasurava os alicerces das relações de gênero e recusava a instituição familiar (BASTOS, 1997), no caso de Amélia, a situação não era melhor, porque

[...] as lésbicas portuguesas foram, durante o século XX, remetidas para um território de não-existência de tal forma opressora das mulheres que quase torna impossível a investigação e a recuperação desta história e destas histórias, o que determina ainda hoje a condição de ser lésbica em Portugal. (ALMEIDA, 2010, cap. 5)⁴

Por isso, arriscamos a dizer também que o sujeito lésbico santareniano surge como “um lugar de ambivalência, posto que emerge simultaneamente como *efeito* de um poder anterior e como *condição de possibilidade* de uma forma de potência radicalmente condicionada” (BUTLER, 2001, p. 25, grifo da autora/tradução nossa)⁵. Afinal, consoante Ana Luísa Amaral, a insistência em silenciar a lesbianidade e a sexualidade feminina, na sociedade portuguesa, diz muito sobre a configuração das mulheres como seres humanos discriminados e desprezados. Se, de um lado, “a sexualidade é estigmatizante; de outro, a lesbianidade é duplamente estigmatizada, é o duplo anátema, é o duplo desafio” (AMARAL, 2009, s/p. apud⁶ ALMEIDA, 2010, cap. 5). Resta-nos, por isso, tentar ver como é possível à potência transbordar o poder que a habilita, se nas relações de poder que regem a representação da lesbianidade em *Monsanto*, tanto quanto nas formas de resistência, a tomada da palavra ocorre apenas em três cenas: a primeira quando Amélia chora e sofre, porque a mulher com quem vivia tinha abandonado-a; a segunda, ao se enunciar como usuária de drogas; e a terceira, no final do texto, quando “vai às putas”.

Se nos termos de Beatriz Preciado, “a tomada da palavra pelas minorias *queer* é um advento não tanto pós-moderno como pós-humano: uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas [...] e uma mutação dos corpos” (PRECIADO, 2011, p. 17), ao criar as poucas condições para a enunciação lésbica, Santareno pauta-se muito mais em mostrar esse sujeito e seu corpo como fragilizados, não obstante promover pequenos deslocamentos e até rasurar performativamente discursos heteronormativos. Em consequência, a primeira enunciação de si é realizada de forma reticente para declarar sua dor e assumir uma frágil posição de sujeito em relação aos códigos sexuais dominantes. Vejamos parte do diálogo entre Amélia e seu pai, após ela

4 O livro foi comprado na livraria WOOK, em formato ebook. De acordo com a central de atendimento do site, “ao contrário dos ebooks disponibilizados no formato de PDF, em que o texto não sofre alterações, e está definido por páginas digitais, no formato de leitura para o WOOK Reader, isso não acontece, porque se busca adaptar o texto à preferência de leitura (tamanho e tipo de letra, p. ex.)”. Em razão disso, as citações serão seguidas do capítulo, para melhor se adequar às normas da ABNT.

5 “[...] um lugar de ambivalência, puesto que emerge simultâneamente como *efecto* de un poder anterior y como *condición de posibilidad* de una forma de potencia radicalmente condicionada” (BUTLER, 2001, p. 25).

6 AMARAL, Ana Luísa. Entrevista concedida a São José Almeida em 14 de agosto de 2009.

retornar de mais uma noite de trabalho.

ZÉ GRILO: [...] (*Aproxima-se da filha. Festa na cabeça, macio.*) Mas afinal o que é que tens?

AMÉLIA (*esquiva a sofrer*): Não sei... Estou doente.

ZÉ GRILO (*perscrutando*): Eu sei o que é...

AMÉLIA (*brusca, afasta logo a cabeça. Medo de ser descoberta*): Se sabe, então cale-se.

ZÉ GRILO: Ela volta.

AMÉLIA (*quebrada, a chorar em silêncio*): Não volta.

ZÉ GRILO: Das outras vezes voltou.

AMÉLIA: Foi se embora.

ZÉ GRILO: Com quem?

AMÉLIA: Com um homem.

ZÉ GRILO: Ela volta. E se não voltar, melhor. Quem não aparece esquece. Arranjas outra garina. (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 201-202)

De antemão, nota-se que os arranjos amorosos são frágeis e inconstantes, porque se deixa claro que Amélia já tinha sido abandonada pela amante outras vezes. Assim, nesse texto santareniano, as configurações das relações lésbicas se distanciam de rótulos tanto quanto se rejeita o enquadramento compulsório das personagens em identidades rígidas e padronizadas no que tange às práticas sexuais. Em contrapartida, não se pode negar que, apesar de se submeter à prostituição, a agência de Amélia vem à tona quando ela se desincorpora das normas e do assujeitamento para performar a lesbianidade, o que mostra, por sua vez, o trânsito desse sujeito para além do sistema binário de gênero.

Ademais, se a pobreza e a prostituição subjugam-na, Amélia, por outro lado, possibilita a si mesma um modo diferente de viver, estabelecendo condições de resistência ao determinismo social e sexual. Dessa forma, o efeito político da lesbianidade, em *Monsanto*, a priori, encontra-se na recusa em ser subjugada, totalmente, em seu desejo, devido ao corpo definido biologicamente como feminino e às condições sociais precárias. Talvez, com isso, Amélia tentasse se opor às formas de opressão – estabelecidas pela apropriação de seu corpo e de seu trabalho pelo próprio pai, tanto quanto a apropriação coletiva pela classe dos homens-clientes – por seus próprios meios “como prófuga, como escrava fugitiva, como lésbica” (WITTIG, 2006, p. 15, tradução nossa)⁷. Eis, assim, nos termos de Butler (2001), uma fuga que se configura como uma atitude de oposição ante ao regime de poder, ainda que se reconheça que sua agência se encontra comprometida com

⁷ “[...] Lo único que se puede hacer es resistir por sus propios medios como prófuga, como esclava fugitiva, como lesbiana” (WITTIG, 2006, p. 15).

o mesmo poder a que se opunha.

Nesse contexto, se ser lésbica pode ser visto como uma afirmação de si como sujeito desejante, “ligado à sua própria identidade pela consciência ou conhecimento de si” (FOUCAULT, 2014, p. 123), de outro lado, a personagem não possui as condições necessárias para abandonar a prostituição nem se transformar numa desertora definitiva das relações de exploração impostas pelos homens. Além disso, ainda que seu pai tente animá-la dizendo que, se sua amante não retornasse, ela poderia, com certeza, recomeçar com outra mulher, por que lhe é negada uma enunciação ampla de si? Por que foi concedido a Zé Grilo, um daqueles que a faz viver como nômade, esclarecer a lógica que rege sua vida afetivo-sexual? Antes de tentar responder tais questões, vejamos como ele a enuncia, mais uma vez:

ZÉ GRILO: (*De novo violento*) Que me diz a isto, amigo Silva? Custa a acreditar, não custa? Mas existe. É verdade, a minha filha é “fufa”. É mesmo o que ela é a valer, lá no fundo. O resto, os homens, é trabalho. Não faça essa cara de enterro, homem! Você nunca viu fressureiras? Pois olhe que, agora, é o que mais há: fressureiras da alta, fressureiras empregadas e fressureiras putas. Casadas, viúvas e solteiras. E com os paneleiros é o mesmo. Não ponha essas trombas, homem, que me irrita! Porquê? Não têm direito à vida? Não são gente como os outros?! Pra si só conta a sua familória conservada em banha de porco e essa tal revolução... que você não foi capaz de fazer! Eu quero que você se lixe, homem! (*O Sr. Silva está cada vez mais incomodado, mas contrafeito*) A sua cara chateia-me, ouviu? Você saiu-me um bom sacana. E sabe onde a minha filha descobriu a sua... verdadeira natureza? Ná, não foi na vida, não! Foi na prisão. Com mulheres-policiais, assistentes sociais, psicólogas, doutoras de todas as qualidades e o resto da metralha toda...! Esteve dentro três meses. Chegou. Aprendeu o que faltava. Descobriu o resto. Descobriu-se. (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 202)

Na passagem acima, não obstante ser enunciada por Zé, reitera-se que a lesbianidade é a “verdadeira natureza” de Amélia. Nesse caso, a performatividade da personagem rasura “aquelas posições essencialistas que recorrem a uma natureza sexual ou a estruturação pré-cultural da sexualidade” com o intuito de restringir as performances afetivo-sexuais dos sujeitos (BUTLER, 2002, p. 144, tradução nossa)⁸. Dessa forma, se a noção de natureza é desconstruída como aquilo que dá conta do que sejam as mulheres, o fato de Amélia “descobrir-se” como lésbica, apesar de tudo, mostra que nem a categoria

⁸ “[...] aquellas posiciones esencialistas que pretenden recurrir a una naturaleza sexual o a una estructuración precultural de la sexualidad para poder afirmar un sitio o una causa metafísica de este sentido de la restricción pueden en gran medida cuestionarse incluso en sus propios términos” (BUTLER, 2002, p. 144).

sexo nem as normas de gênero são definitivas para a constituição dos sujeitos. Por consequência, se a noção de natureza é um dispositivo que se concretiza nos corpos por meio da reiteração forçada das normas, então a performatividade sexual e afetiva da personagem santareniana não só sinaliza para a inexistência de um grupo natural de “mulheres”, como também problematiza a noção de que haja um destino biológico que predetermine as formas de vivenciar seu gênero e sua sexualidade.

Decerto, ao enfatizar que “o resto, os homens, é trabalho”, Grilo leva-nos a uma possível resposta a um de nossos questionamentos: em um contexto distinto ou em condições sociais melhores, Amélia não elegeria as relações sexuais com homens como parte de sua vida. Assim, se a categoria sexo, como enfatiza Wittig (2006), estabelece como “natural” a relação que está na base da sociedade heterossexual, submetendo as mulheres à obrigação de reproduzir seus ditames, então, a experiência identitária lésbica rasura, por si só, tal categoria e suas relações com o binarismo de gênero.

Ademais, se, por um lado, tal qual a puta, “a lésbica também é omitida completamente do imaginário das mulheres em uma sociedade concreta, porque as duas ocupam sempre o lugar da outra inominável, irrepresentável e que não pode e não deve ocupar lugar nenhum, nem palavra em primeira pessoa [...]” (GALINDO; SÁNCHEZ, 2007, p. 29), na passagem acima, por outro lado, ainda que Amélia não seja o sujeito da enunciação, alude-se a outras mulheres que, independente da classe social, vínculos de parentesco, idade e profissão, viviam relações lesbianas. Em razão disso, nota-se que Grilo busca reduzir a carga de condenação social, de humilhação e depreciação a que estavam expostas na sociedade portuguesa, ao mesmo tempo em que enfatiza que a experiência identitária lésbica não estava circunscrita apenas às mulheres que viviam à margem da sociedade. Assim, não se pode negar que, em *Monsanto*, há um investimento, por mais contraditório que pareça, para rasurar e problematizar o poder performativo dos discursos em produzir vidas precárias como a de Amélia.

No que se refere aos termos pejorativos acionados para fazer alusão às mulheres que se relacionam com outras do mesmo sexo, é preciso considerar, por um lado, que Adrienne Rich defende que “a palavra lésbica deve ser confirmada, porque descartá-la é colaborar com o silêncio e a mentira acerca da existência das lésbicas, é fazer com que caiam num jogo de clandestinidade para retornar mais uma vez à criação do *inefável*”

(RICH, 1983, p. 239, grifo da autora/tradução nossa)⁹. António Fernando Cascais (2006) e São José Almeida (2010), por sua vez, enfatizam que, no contexto português, o vocábulo “lésbica” era tido como insultuoso, porque nos dicionários dos anos 1960 aparecia com uma carga muito negativa, já que significava “pervertida”, termo que designa desvios do comportamento e das práticas sexuais consideradas normais (HOUAISS, 2009). Logo, não obstante Zé Grilo se utilizar de palavras como “fufa” e “fressureiras”¹⁰, as quais trazem a marca do escárnio social, nota-se que ele se antecipa para tentar desconstruir uma imagem negativa da lesbianidade. Ao buscar rasurar sentidos e valores inerentes à matriz cultural heteronormativa, a personagem retira as identidades lésbicas e gays não só do campo científico, mas também da invisibilidade e do silêncio.

Ao questionar o incômodo de Silva diante de suas palavras, Grilo também deixa claro que os paneleiros e as fressureiras tinham direito à vida, porque eram tão humanos quantos os sujeitos heterossexuais. Como prova de que sua filha não era *diferente* e de que “nenhum destino sexual governa a vida do indivíduo: seu erotismo traduz ao contrário sua atitude global para com a existência” (BEAUVOIR, 1967, p. 158), ainda diz que ela não descobriu a sua verdadeira natureza na prostituição, mas quando esteve na prisão por três meses. Afinal, foi lá que ela descobriu-se “com mulheres-policiais, assistentes sociais, psicólogas, doutoras de todas as qualidades e o resto da metralha toda”.

Quanto ao motivo de sua prisão, ainda que não seja revelado, sabe-se que “cada sociedade constrói e interpreta as práticas sexuais e amorosas entre mulheres de forma diferente, e sua visibilidade e legitimidade variam conforme a concepção que tem do que seja mulher ou homem [...]” (FALQUET, 2006, p. 18, tradução nossa)¹¹. No caso de Portugal, Silva e Vilela nos explicam que

[...] as práticas sexuais lésbicas fazem-se sobretudo notar entre as freiras, como relataram alguns bispos e arcebispos, entre os séculos XVI e XVIII; e o tão recorrente lesbianismo freirático mereceria uma ‘adequada penitência’. Porém, mesmo no século XIX, a partir de 1837, o Código Penal Português,

9 “La palabra lesbiana debe ser confirmada porque descartarla es colaborar con el silencio y la mentira acerca de nuestra existencia misma, es hacernos caer en juego de la clandestinidad y volver de nuevo a la creación de lo *inefable*” (RICH, 1983, p. 239).

10 Uranista, maricas, paneleiro, penasca, invertido, bicha, larilas, routo, sáfica, tríbade, virago, lésbica, fufa, fressureiras são palavras depreciativas, utilizadas em Portugal, para se referir a homossexuais e lésbicas (ALMEIDA, 2010).

11 “[...] cada sociedad construye e interpreta estas prácticas sexuales y amorosas entre mujeres de forma diferente, y su visibilidad y legitimidad varían enormemente según la concepción que cada sociedad tiene de lo que es ser mujer o hombre [...]” (FALQUET, 2006, p. 18).

sob a influência das ordenações filipinas, trata ainda a 'sodomia' como crime imoral e atentado ao pudor, punindo-o com multas e com o degredo. É só em 1852 que se exclui a confiscação de bens, equiparando a homossexualidade a todas outras formas de conduta imoral do cidadão. Porém, será apenas de junho de 1912 a lei que distingue as práticas homossexuais masculina e feminina, sendo agora condenado à prisão correccional de um ano e meio quem praticasse tais 'vícios contra a natureza' [...]. Permanece, durante o Estado Novo, a ideia de crime de acordo com a lei de 1912, equiparando tal ato à prostituição e ao proxenetismo. (SILVA; VILELA, 2011, p. 72)

Se o novo Código Penal português deixou de criminalizar condutas sexuais livremente praticadas por adultos – como o adultério, a prostituição ou a homossexualidade – só oito anos após o 25 de abril, e considerando que Zé Grilo revela que Amélia se descobriu como lésbica na prisão, arriscamos a dizer que ela esteve presa por causa da prostituição. Afinal, embora fossem raros os casos, prostitutas como ela, “nomeadamente de rua, podiam ser detidas, presas e, eventualmente, julgadas em casos de ofensas contra a decência e a ordem públicas” (SILVA, 2007, p. 800). Nesse sentido, pode-se dizer ainda que, em *Monsanto*, a sujeição representada pela prisão não ocorre de forma independente da gestão e da invasão do corpo da personagem, posto que as práticas de inspeção, normalização e regulação, comuns nos sistemas carcerários, sempre atuam para (re)produzir um sujeito que se aproxime de um ideal, de uma norma ou de um modelo de conduta (FOUCAULT, 1987). No entanto, é possível ver também que as estratégias que buscam formar e marcar Amélia não produziram os efeitos desejados, porque sua resistência à normalização se produz no seio de um sistema repressor que, paradoxalmente, a habilitou como sujeito da lesbianidade.

Por outro lado, importa ver ainda que *Monsanto* parece seguir o raciocínio de que “em face da ‘verdadeira mulher’ encontram-se a prostituta e a lésbica: se a primeira é preservada na ordem do sistema, a segunda é apagada dos registros”, subjugada pelas condições sociais precárias e pelo silêncio (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 70). Talvez, por isso, seja possível flagrar estereótipos clássicos como “o isolamento, a marginalização, a bebida, a pobreza, um relacionamento doloroso e conturbado com outra mulher” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 39), os quais, por sua vez, promovem um clima de submundo associado à lesbianidade. Em *Monsanto*, tem-se uma personagem lésbica que, além de pobre, prostituta e ex-detenta, também é representada como usuária de diversas drogas. Vejamos o diálogo abaixo, que ocorre após ela ter sido abandonada pela

namorada, para entendermos melhor sua relação com diferentes tipos de entorpecentes:

ZÉ GRILO: Dói muito, Amélia?

AMÉLIA (*que tem estado alheada, a sofrer*): Sinto-me um trapo cagado...

ZÉ GRILO (*carinho contido*): Vai para casa. Vai dormir. (*Ajuda Amélia a levantar-se.*)

AMÉLIA (*logo agressiva*): Não posso dormir. (*Num ímpeto, agarrando-se ao pai.*) Quero aquilo!

ZÉ GRILO (*que compreendeu*): Não. Faz-te mal. Isso não!

AMÉLIA: Preciso!

ZÉ GRILO (*cedendo*): Boi?...

AMÉLIA: Cavalo. Fumei boi e fiquei na mesma. Drunfei e bebi 1920. Nada. Sinto-me *down, down*, cada vez mais *down*... Não aguento! Tenho uma argola de ferro apertada aqui, no meu peito... Você tem de me ajudar! Quero curtir a do cavalo. Preciso.

ZÉ GRILO: Dás cabo de ti!

AMÉLIA: Não tenha medo. É só esta vez. Quem me dera baicar com uma overdose. Hoje, era a sorte grande. Mas não. Resisto sempre. Ande, vá arranjar-me a heroa! Ajude-me, porra!

ZÉ GRILO: O chuto passou para quinhentos paus. Não tenho massas.

AMÉLIA: Desenrasque-se. Hei-de ser sempre eu?!

ZÉ GRILO: Sossega. Está bem arranjo.

AMÉLIA: Preciso, já! (SANTARENO, 1987, v. 4, pp. 202-203)

Sigmund Freud afirma que “[...] a vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos.” (FREUD, 2010, p. 28). No texto santareniano, nota-se que o uso de drogas se transformou em uma estratégia para amenizar o sofrimento de Amélia, tanto quanto numa forma de torná-la menos sensível às suas experiências como uma mulher pobre e em situação de prostituição. Portanto, se os narcóticos e a bebida surgem como uma promessa de distanciamento ou de prazer imediato, é porque são vistos como “um refúgio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade” (FREUD, 2010, p. 33-34), além de aliviar sua tristeza e a saudade amorosa. É preciso considerar também que a cena acima é uma das poucas em que Zé Grilo não lhe rouba o testemunho. Com isso, a enunciação de si a desloca da condição máxima de objeto-abjeto, porque permite ver seu estado de espírito, seu drama diante do término do relacionamento e sua indiferença pela vida.

Quanto à terceira e última enunciação de Amélia, ocorre no final de *Monsanto*, quando Zé Grilo e Silva, totalmente bêbados, decidem finalizar a noite num bar onde ficavam outras putas de Monsanto. No entanto, devido ao medo e à insegurança, a jovem decide-se por seguir com eles. É irresistível não trazer o restante do diálogo final:

SR. SILVA (*desfeito, para Zé Grilo, a despedir-se*): Adeus e... obrigada.
 ZÉ GRILO (*súbita alegria desesperada*): Espere aí! Eu vou consigo, amigo Silva! E sabe onde é que a gente, os dois, vamos acabar a noite? Num bar que eu cá sei. Vamos às putas! Vai ver o que lhe faz bem. Venha daí, amigo Silva! Você precisa e eu também. Quando esta coisa está quase a rebentar, não há melhor remédio. Vamos às putas!
 (*Abraça o Sr. Silva e dirige-se para fora de cena com ele, ambos cambaleantes.*)
 AMÉLIA (*antes que os dois homens desapareçam de cena. Num grito*): Pai!
 ZÉ GRILO (*parando*): Ainda aí estás? O que é?
 AMÉLIA (*insegura*): Tenho medo!
 ZÉ GRILO: Queres que te leve a casa? Espera que eu...
 AMÉLIA: Também vou!
 ZÉ GRILO: Não.
 AMÉLIA (*decidida, em fúria*): Vou!
 ZÉ GRILO (*que compreendeu, hesitante*) – Também queres...?!
 AMÉLIA (*numa grande excitação*): Morena ou loira; preta ou branca... quero!
 ZÉ GRILO (*decidido*): Anda daí!
 (*Amélia corre e mete-se entre os dois homens, os três abraçados.*)
 AMÉLIA (*riso histérico, a gritar*): Vamos às putas! (SANTARENO, 1987, v. 4, p. 203-204)

Se “os atos performativos de fala exercem o poder de produzir o campo dos sujeitos sexuais culturalmente viáveis” (BUTLER, 2002, p. 162, tradução nossa)¹², então é possível afirmar que a performatividade discursiva de Amélia fatura uma série de demandas, tabus e proibições. Não obstante “nenhum ato exercer o poder de produzir o que declara, independentemente de uma prática regulatória e sancionada” (BUTLER, 2002, p. 163, tradução nossa)¹³, as performances de gênero da personagem ocorrem num contexto que apresenta suas próprias convenções, reiteradas e sancionadas. Por isso, se assume uma posição sexuada dentro da linguagem, é porque Amélia cita a norma, expondo-a a partir de sua interpretação, o que, conseqüentemente, revela o fracasso das convenções e borra os limites entre sexualidades.

Tal qual um sujeito descentrado, a personagem, como figuração da mulher que é forçada a entrar nas relações heterossexuais por meio da prostituição, busca um mínimo de controle sobre sua vida, quando vai à procura dos serviços sexuais das putas que trabalhavam em Monsanto. Portanto, se vai às putas é não só para nos mostrar sua reivindicação à liberdade sexual, porque se dispõe ao desejo, mas também para expor que o lugar da mulher nos locais de prostituição não está marcado antecipadamente. Se

12 “[...] actos performativos del habla, por así decirlo, que ejercen el poder de producir el campo de los sujetos sexuales culturalmente viables” (BUTLER, 2002, p. 162).

13 “Ningún acto puede ejercer el poder de producir lo que declara, independientemente de una práctica regularizada y sancionada. [...]” (BUTLER, 2002, p. 163).

Monique Wittig defende que “a lesbianidade oferece, de momento, a única forma social na qual podemos viver livremente” (WITTIG, 2006, p. 43, tradução nossa)¹⁴, então pode-se dizer ainda que, no desfecho de *Monsanto*, Amélia assume uma posição de sujeito com a qual se identifica, porque reclama o prazer sexual, reiterando a experiência lésbica, ainda que se saiba sujeita a forças sociais que estavam além de seu controle.

Considerações finais

Sem dúvidas, em razão de ter escrito *Monsanto* após o 25 de abril, Bernardo Santareno redesenha uma configuração da lesbianidade sem os vestígios da religiosidade e da culpa. Nomeia os afetos, os sentimentos e as relações afetivo-sexuais entre as mulheres, mostrando que elas existiam e tinham sexualidade. Muda-se o foco, porque se em seu texto teatral *O pecado de João Agonia*, por exemplo, o protagonista João, devido às suas posições de sujeito pouco convencionais, é subjugado pela força da tradição, pelos dogmas religiosos e pelo preconceito, em *Monsanto*, encontra-se a classe social como determinante para a marginalização que permeia a vida e as escolhas de Amélia.

Ademais, não obstante ser inegável que, na história portuguesa, a lesbianidade está reduzida “à dimensão de um fantasma, pela dupla estigmatização: a da própria homossexualidade e a das mulheres” (ALMEIDA, 2010, Introdução), a perspectiva santareniana é importante para, ao menos na dramaturgia, dar espaço a uma lésbica e às suas experiências. Se a constrói como um sujeito que vive às margens, é porque era este o lugar que predominantemente ocupava na sociedade lusitana, mesmo após a Revolução dos Cravos.

Por outro lado, é preciso considerar que, apesar de a relação sexual comercial ser caracterizada como uma prática sem afeto, porque a satisfação afetiva só era encontrada nas relações lésbicas, é fato que “[...] algumas premissas teóricas condenariam a conduta [de Amélia], porque ao continuar mantendo relações sexuais com homens, seu comportamento ultrapassa o limite do aceitável e legítimo” (FACCHINI, 2009, p. 319). Contudo, também cabe questionar se as categorias lésbica e prostituta não seriam formas de classificar os sujeitos, predeterminando os modos de conduzirem seus desejos e

14 “[...] el lesbianismo ofrece, de momento, la única forma social en la cual podemos vivir libremente” (WITTIG, 2006, p. 43).

práticas erótico-sexuais.

Se a mulher que sente desejo e obtém prazer sexual com outras mulheres contesta a coerência entre sexo, gênero e desejo, o que sugere que ela não poderia sentir prazer com homens? E se for lésbica e prostituta, como Amélia, deve-se inferiorizar sua identificação e seu desejo, mesmo sabendo que as relações sexuais, que mantém com homens, estão na ordem do trabalho? Afinal, a lesbianidade e a prostituição também não indicam que as performances de Amélia contestam a base da matriz heterossexual, isto é, a unidade entre sexo, gênero e desejo? Por fim, definir um *status* de lésbica como fixo e inalterável não seria um modo de reproduzir os dispositivos que buscam cercear outras possibilidades de vivenciar as sexualidades?

De todo modo, corroboramos as palavras de Navarro-Swain, porque acreditamos que em *Monsanto*, a lesbianidade surge multiplamente como posição social, orientação e emoção; outro caminho que flui para além das fronteiras de gênero e da necessidade de sobrevivência que, por sua vez, exigia relações heterossexuais. Logo, o que importa, de fato, é que “a volatilização da essência é a libertação da norma, da disciplina, da exclusão” (NAVARRO-SWAIN, 1999, p. 1237) e, não menos importante, da exploração em virtude de sua identidade de gênero e da classe social.

Referências

ALMEIDA, São José. **Homossexuais no Estado Novo**. Porto: Sextante, 2010.

BASTOS, Susana Pereira. **O Estado Novo e os seus vadios**. Contribuições para o estudo das identidades marginais e da sua repressão. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2 ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder**. Teorías sobre la sujeición. Tradução de Jacqueline Cruz. Madrid: Cátedra Grupo Anaya, 2001.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Tradução de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CASCAIS, António Fernando. Diferentes como só nós. O associativismo GLBT português em três andamentos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 76, p. 109-126, dez., 2006.

DE LAURETIS, Teresa. La práctica del amor: deseo perverso y sexualidad lesbiana. Tradução de Isabel Vericat. **Debate Feminista**, p. 34-45, abr., 1995.

FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidade na cidade de São Paulo. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamound, 2009. p. 309-342.

FALQUET, Jules. **De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas**. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 118-140.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALINDO, Maria; SÁNCHEZ, Sonia. **Ninguna mujer nace para puta**. Buenos Aires: Lavaca, 2007.

GUILLAUMIN, Colette. Práctica del poder e idea de Naturaleza. Tradução de Fabiola Calle. In: CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules (Comp.). **El patriarcado desnudo: três feministas materialistas**. Buenos Aires: Brecha lésbica, 2005. p. 19-56.

HOUAISS, Antônio (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Objetiva, 2009.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? Simpósio Nacional de História, 20. 1999, Florianópolis. **Anais...**, Florianópolis, p. 1223-1239, 1999.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PAIS, José Machado. A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX. **Análise Social**, v. XIX, n. 77-78-79, p. 939-960, 1983.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Tradução de Cleiton Zóia Munchow e Viviane Teixeira Silveira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.

RICH, Adrienne. **Sobre mentiras, secretos y silêncios**. Tradução de Margarita Dalton. Barcelona: Icaria, 1983.

RIDENTI, Marcelo. **Classe social e representação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTARENO, Bernardo. Monsanto. In: _____. **Obras Completas**. Organização, posfácio e notas introdutórias de Luiz Francisco Rebello. Lisboa: Ed. Caminho, 1987. v. 4., p. 191-204.

SILVA, Fabio Mario da; VILELA, Ana Luísa. Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira. **Navegações**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 69-76, jan./jun., 2011.

SILVA, Susana. Classificar e silenciar: vigilância e controlo institucionais sobre a prostituição feminina em Portugal. **Análise Social**, v. XLII, n. 184, p. 789-810, 2007.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Tradução de Javier Sáez e Paco Vidarte. Barcelona: Egales, 2006.

Submetido em: 08 abr. 2020

Aprovado em: 18 maio 2020